

Histórias para contar

Poemas, contos e minicontos



Elenir Alves
ORGANIZADORA

REVISTA PROJETO AUTOESTIMA

ELENIR ALVES

ORGANIZADORA

Copyright © por Autores

Organização: Elenir Alves

Projeto editorial: Ademir Pascale

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores

Obra protegida por direitos autorais

2021

Patrocínio:

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO POEMA, CONTO OU MINICONTO

As Contadeiras de Histórias, por André Luiz Martins de Almeida, pág. 05
Nestor, o advogado do diabo, por Caique de Oliveira Sobreira Cruz, pág. 08
Um Buick nas tardes de domingo, por Geraldo Magela de Faria, pág. 13
A Fernando Pessoa, por Girvany de Moraes, pág. 18
Tentação, por Ivan Ribeiro Luiz, pág. 20
Canto de avó, por Memory Lutz, pág. 23
Um novo ar respiro, por Memory Lutz, pág. 26
O apagar de uma estrela, por Roberto Schima, pag. 29
Girassóis, por Sandra O'Neill, pag. 36
Conheça outros títulos da coleção, pag. 40

Organização, capa e diagramação: Elenir Alves - elenir@cranik.com

VISITE:

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

www.facebook.com/projetoautoestima
www.instagram.com/revistaprojetoautoestima



“Nossa existência não é mais que um curto circuito de luz entre duas eternidades de escuridão.”

— Vladimir Nabókov

APRESENTAMOS O POEMA

As Contadeiras de Histórias

Por André Luiz Martins de Almeida

André Luiz Martins de Almeida, nasceu em 21 de janeiro de 1970 no Rio de Janeiro, Mora em Queimados desde a infância, morou em Nova Iguaçu e outro Estado como Rio grande do Sul, na cidade do Rio Grande. Aprendeu poesia nos livros e se inscreveu no Varal de literatura na Escola Estadual Dom Bosco em 1986, com seu primeiro poema e recebendo um certificado de participação, em 1987 passou a escrever continuamente. Publicou seu primeiro poema inédito escrito em 2015, para o Concurso Novos Poetas - poetize 2016 da Editora Vivara Nacional, vindo a participar de outros concursos nacionais em 2016. Atualmente está na Reserva da MB, e membro ativo da PIBQ (Primeira Igreja Batista de Queimados) desde 2014. Publicou seu primeiro livro completo "Antologia Poética -Aspirações de um Discípulo" pela Drago Editorial em 2019.

Ah! Que saudades das Contadeiras que existiam!
Contadeiras de Histórias das histórias que todos liam.
Oh! Como se era feliz naquele tempo, Contadeiras!
Que Histórias contavam para as crianças nas cadeiras,
Ou sentadas em quaisquer lugares que a ouviam.

Histórias como aquelas, acho que não existem mais,
É que suas histórias não se esquecem, jamais!
Vivem contando-as para suas amiguinhas.
As famosas e as suas mais admiradoras, as criancinhas.

Contadeiras de Histórias infinitas a contar.
De vários tipos, espécies e gêneros de fantasia.
Histórias que nenhuma pessoa contava ou fazia.

As *Histórias da Carochinha (1)* são suas preferências,
Mas contava aos adolescentes outras, por causa de suas carências.
Visita ilustre na vila ou em uma cidade.
As crianças entravam e ouviam, pois não havia objeção de idade,
De acordo com o lugar, que iam sempre visitar.

Contadeiras de Histórias são suas marcas registradas.
Não tinha uma história, que pelos adolescentes fosse cortadas.
Depois que terminava a temporada numa vila, colocavam o pé nas estradas,
Mas já sabia, que as crianças a esperavam, ainda que, fossem as mesmas contadas.

Até a próxima temporada, Contadeiras de Histórias
E que voltes logo, com várias histórias e acontecidos do povo do Brasil.
Histórias, lendas e sucedidos que ninguém imagina de onde saiu.

(André Luiz Martins de Almeida – (1986/87)_rev.11/08/2021 – Queimados/RJ).

Nota: (1) Um das histórias populares portuguesas, passadas de geração em geração pela tradição oral, é o ‘Conto da Carochinha’, no qual uma pequena carocha (ora representada por um besouro-fêmea; ora, por uma barata) procura por um noivo, vindo a se casar com João Ratão.

Na fábula original, a carochinha cantava na janela para conseguir um pretendente: “Quem quer casar com a carochinha/ que é bonita e perfeitinha?”. Na versão brasileira, a barata grita: “Quem quer casar com a Dona Baratinha que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha?”

O conto ficou tão famoso que as outras histórias infantis tradicionais também passaram a ser chamadas de contos da carochinha.

O romancista Figueiredo Pimentel trouxe vários desses contos europeus para o Brasil ao publicar aqui o livro ‘Contos da Carochinha’, em 1894. No livro, a carochinha era retratada como uma velhinha que contava histórias cercada de crianças. A obra inaugurou a *literatura infantil brasileira* e inspirou *Monteiro Lobato* a escrever para as crianças.

Mas essas informações são tão antigas que nem sei se o pessoal se interessa por elas. São coisas do tempo da carochinha...

Referência: Duarte e Segabinazi, 2017 <<http://bit.ly/2O2g8Rx>>.

Sugestão: Lucas Eugênio Meireles.

Curta Nomes Científicos. <https://www.facebook.com/NomesCientificos/posts/1540269319456908/>



APRESENTAMOS O CONTO

Nestor, o advogado do diabo

Por Caique de Oliveira Sobreira Cruz

Caique de Oliveira Sobreira Cruz, nascido na cidade de Salvador/BA. É graduado em Direito e mestrando em Políticas Sociais pela Universidade Católica do Salvador. Especialista em Sociologia pela Universidade Estácio de Sá. Escritor em diversos sites e blogs sobre temas variados como: economia, política, história, sociologia, literatura, etc. Autor do artigo "A subsunção do real ao estético, a miséria do pós-modernismo" publicado pela Revista de Estudos Latino-Americanos na edição de 2018, volume 8, p.426-461. Autor dos contos: "Salva-me, socorrista" publicado na Revista LiteraLivre 21º Edição, "A história que não acabou e não pode acabar" na 22º Edição da LiteraLivre e "Os enigmas de Yelena" na 27º Edição da LiteraLivre. Participou da Antologia "Tempo de Amar" Volume I, com o conto "Salva-me, Socorrista", e da Volume II com "A inominável personificação da Literatura."

— **M**aldição, logo será meia-noite, é chegada a hora de me preparar para os meus debates infundáveis com o meu inimigo, até mesmo pelo fato de que este horário de meia não tem nada, é inteira com tudo incluso, sem direito a carteirinha de estudante, a demora é sacrossanta nestes casos, por isso, não pode ser metade em nenhum requisito, apesar da singela contradição de, também, como dizem alhures, ser a noite uma criança. Bom, de toda sorte, devo me arrumar corretamente para poder receber Nestor que já pode estar a caminho neste momento. Ele analisa até as minhas vestes, não posso vacilar nos meandros primários, ou não chegaremos nas questões últimas decisivas. Ele sabe papear e tapear melhor do que ninguém, então, que venha! — Exclamou José, sozinho em seu quarto.

José vestiu-se como se estivesse indo para uma sala de audiência em algum tribunal, com terno, gravata, camisa social, calça social, tudo combinando, como havia devidamente se aconselhado com algum desses grandes nomes da moda do passado, apesar de quê, estava de meia, havia deixado seu par de sapatos social dentro do guarda-roupa, talvez, o rigor do traje formal não o tenha permeado em todas as circunstâncias. Mas, de fato, nada mais naquela noite o podia diferenciar de um burocrata da área jurídica que com suas vestimentas acredita estar acima dos outros indivíduos de sua sociedade, como uma espécie tragicômica de micropoder. Com toda a pompa, só lhe faltava a toga para que eu pudesse encerrar a narração do enredo com total agrura. Passou-se um bom tempo até que ao decair do crepúsculo, próximo à média madrugada, José ouviu passos suaves como de alguém descalço, atento, percebeu, adiante, batidas singelas em sua porta.

— Boa noite, senhor, posso entrar? Desculpe-me o atraso, é que nesta noite você demorou a me dar a oportunidade de aparecer neste recinto que eu estimo com louvor, considero quase como minha casa e, sabes disso. — Pronunciou Nestor em voz tão suave e baixa que somente José pôde ouvir naquela casa, mesmo tendo mais 4 moradores nela.

— Deixe de tolice e entre de uma vez, seu escroque! Você sempre adentra, como diriam os portugueses, neste “sítio”, sem nenhuma permissão. Nós sabemos muito bem que se eu disser não, você vai abrir esta porta da mesma forma, não me faça perder o

resto de paciência que ainda tenho contigo, pois, no dia de ontem, passei por uma situação muito incomoda e não tenho tempo para esses introitos, vamos logo, chegue mais perto e vamos discutir, pôr em dia o que temos de colocar. — Bradou José.

— Meu caro Zé, compreendes muito bem como funciona o meu procedimento, eu começo do particular para, somente depois, chegar ao universal. Por partes, constituindo as interligações entre os pedaços até formar o todo coerente. Portanto, vamos com calma. Devagar com a dose, meu amigo. Não venha com este andor, pois vou com o barro!

— Se você fosse mesmo por partes, não me trataria já de início com tamanha intimidade, quem és tu para me denominar de Zé? Dei-lhe permissão para apelidar-me? Não! Mas, ainda assim, o faz, então, não venha querer bancar o filósofo pra cima de mim, com isto de particular e universal, a palhaçada aqui acabou! Vamos direto ao assunto!

— Tudo bem, José, como queiras. Trataremos logo das questões centrais. E eu, como bom e experiente conselheiro que sou, irei mais uma vez lhe guiar pelo caminho mais coerente em termos racionais, para que não cometa mais nenhuma infâmia por aí. Vejo que está trajado devidamente para essa nossa entrevista, aprendeu muito bem com o seu mestre, sinto-me orgulhoso, apesar de ainda me tratar com linguajar vulgar, rebaixado e denunciante, como se eu fosse um inimigo na tocaia, pronto para liquidá-lo. Neste aspecto, precisamos rever este *modus operandi*, excelência. — Comentou Nestor.

— Pois é, seu sacripanta! Notou muito bem que estou vestido conforme você sempre exigiu, também treinei todo o linguajar que gosta que assovie em teus ouvidos, porém, dado à sua embromação costumeira, e à minha situação desastrosa atual, perdi a compostura antes das corujas sequer emergirem para nós. Mas, deixemos isto de lado e o senhor já pode, com toda a sua galhardia, iniciar o inquérito por intermédio do seu douto juízo. — Afirmou José, sem ainda controlar a sua inquietação.

— Pois bem, sua postura cumprindo meus rituais em relação aos trajes me deixou venturoso e, somente por isto, descartarei sua condição de não versar com o vocabulário que eu admiro. Vamos começar, portanto, a nossa “audiência” particular, diga-me, José,

— Você já se convenceu de que sua opinião no caso de sua prima começar a trabalhar, mesmo na pandemia, é correto da parte dela, pois o trabalho dignifica o homem?

— Não, não estou absolutamente convencido disso! Ainda acredito ter sido uma postura muito arriscada, mas não quero tratar disso hoje! — Exclamou José.

— Bom, se ainda não está convencido do seu erro analítico, mesmo depois de tantas brigas no seu seio familiar por causa desta questão, então, devemos discutir sim sobre ela, pois está em aberta. Aproveitando a sua teimosia, pergunto-lhe logo sobre mais um tema sem desfecho, você aceitou a ideia de que informar a morte de seu avô aos seus pais, mesmo neste momento tão difícil para a humanidade, foi o correto? Pois devemos agir sempre com a verdade, nunca esconder nada, a mentira é a vilã de nossa história.

— Nestor, já lhe avisei, poupe-me do prefácio, vamos logo ao conteúdo do livro, ou melhor, seguiremos logo ao posfácio. Você sabe que já discutimos essas e mais dezenas de outras questões por diversas noites e não vou mudar minha posição, nem sempre a verdade é o certo, eu uso a justa medida Aristotélica, às vezes uma mentira é mais necessária e conveniente do que a verdade imediata, como é neste caso em que me perguntas, não podemos viver sob a égide de uma rígida régua inflexível. E eu também já sei suas opiniões quanto a tudo isso, sempre fazendo o papel do advogado do diabo contra mim. O que eu quero discutir agora é um fato novo. — José disse, fitando com veemência os olhos de Nestor — Lá no meu trabalho, eu passei um pouco do horário de retorno às atividades após o almoço e o meu supervisor me deu uma bronca esdrúxula por causa de 5 minutos de atraso, xingou-me de tudo que é possível ao nosso vocabulário, eu o respondi à altura e ele me disse para passar amanhã no RH que eu seria demitido. Mas, levei a questão ao gerente e ele disse que eu errei e se me desculpasse com o supervisor estaria tudo resolvido. Espie, o mesmo gerente todos os dias atrasa mais de 1h na volta do almoço e o mesmo supervisor, atrasa por 30 minutos. Ele quem errou em querer me demitir por algo que todos lá fazem e eu o fiz pela primeira vez, em quase uma década, ontem. Ele que me deve desculpas, não o contrário. Diga-me o que acha?

— Bom, Zé, você está errado novamente. Primeiro que infringiu uma regra da sua empresa sobre o horário de almoço, segundo que desacatou um superior hierárquico seu. O gerente está certo, cumpra o que ele disse e ponto final, mantenha o seu emprego. Ainda lhe ponho em contradição, você sempre diz que os funcionários inferiores sempre estão cumprindo ordens dos funcionários superiores, portanto, se você deveria retrucar e xingar alguém não seria o supervisor, nem mesmo o gerente, mas sim, o dono da empresa.

— Ah, vá para o averno, aquele de Dante, seu miserável, junto com Neleu, Aquiles e Agamenão, sua trupe. Junte-se à “besta”, pois seus propósitos se assemelham. Você, todas as vezes está contra mim, aponta o erro em minha direção, sempre jogando a culpa em meu colo, não aguento mais! E é verdade que estou em contradição, eu bem sei que o sistema hierárquico é corrompido por natureza, mas, não posso nada contra o dono, nunca nem o vi, ele é inalcançável, minha única batalha possível é contra aqueles que estão próximos, como o supervisor que comete o mesmo “erro” que o meu e ainda tem a audácia de me insultar. Quando eu acordar, irei lá e não pedirei nenhuma desculpa, serei demitido, mas com honra. Vou viajar para longe e procurar alguma empresa séria para trabalhar, e ainda escaparei de todos os problemas e brigas que você tentou reaver neste diálogo, sumirei! E quanto a você, Nestor, prepare-se, pois logo seus “conselhos” não serão mais possíveis, eu pararei de tomar meus remédios psicoativos que me causam como efeito adverso esses pesadelos contínuos onde tu apareces. Vossa Senhoria, submergirá!



A close-up photograph of a fountain pen nib resting on a piece of paper. The paper has cursive handwriting and a dried rose petal. The background is softly blurred, showing more of the paper and the pen's body.

APRESENTAMOS O CONTO

Um Buick nas tardes de domingo

Por Geraldo Magela de Faria

Bancário aposentado (Banco do Brasil). Formado em Letras pelo Centro Universitário de Belo Horizonte – UNI-BH. Revisor de textos. Nascido em Pará de Minas (MG). Reside em Belo Horizonte (MG).

Ano de 1962. Berta e Magda eram gêmeas e moravam em uma casa em um bairro de Belo Horizonte próximo ao centro da cidade. Berta trabalhava em um banco, e a irmã era enfermeira. Viviam sozinhas e sozinhas estavam no mundo. A mãe e o pai já haviam falecido. O pai, senhor Heinz, de origem alemã, deixou a terra natal e optou por Belo Horizonte, devido a sua experiência em comércio, e ao clima que diziam ser favorável à saúde de Heidi, sua mulher. Estabeleceu-se na capital mineira, com uma loja de tecidos e, devido à habilidade nos negócios, construiu bom patrimônio, deixando gorda herança de que, com o falecimento da mãe pouco depois, as filhas passaram a usufruir.

Irmãs, gêmeas univitelinas, 24 anos, louras, bonitas, olhos verdes, amigas, com poucas diferenças entre as duas. No vestuário, por exemplo. Cada uma tinha seu guarda-roupa; Berta era mais conservadora no vestir, enquanto a irmã tinha um pouco de ousadia sobretudo para aqueles tempos.

Magda era também mais namoradeira, três homens já tinham passado pela sua vida. Berta, por seu lado, convivia há um ano com Otávio, representante comercial de uma grande empresa. Alto, bonito, educado, tinha vários predicados para seduzir uma mulher.

Magda tinha certo ciúme, mas contido, mostrando-se amiga de Otávio. Inclusive, por ter mais dotes culinários que a irmã, costumava fazer os almoços de que o futuro cunhado participava, não economizando elogios a ela. Nesse quesito, uma ponta de inveja se instalava em Berta, que nada comentava.

Quando um Buick aparecia, tinha-se a certeza: era Otávio. O carro de praça era de um amigo dele de muita confiança, motivo da preferência. E o automóvel parou na porta em um domingo que marcou as duas irmãs, principalmente Magda.

Não era costume, mas naquela tarde ele portava um termo azul-marinho, uma gravata também azul, tudo parecendo de propósito para combinar com a cor de seus olhos, que Berta tanta admirava. Naquela tarde, ela usava, pela primeira vez, um vestido branco com listras pretas, que destoava de suas vestes habituais, sobretudo por conter um decote,

ainda que pequeno, mas que mostrava a leve ousadia da moça de costumes tão conservadores.

Berta abriu a porta, correu e, subindo na ponta dos pés, abraçou e beijou o namorado. A irmã ficou olhando de longe e se impressionou com a cena. Talvez fosse o dia da afirmação daquele amor, que, provavelmente, em breve, se transformaria em noivado. Pensou até mesmo se ele faria o pedido naquela tarde. Incomodada, foi para o quarto, deitou-se e, quando foi avisada da presença de Otávio, pediu a irmã que se desculpassem com ele, por estar indisposta.

A partir daí Berta não teve dúvida: Otávio era o homem certo para ela. Honesto, reconhecido como excelente profissional pela empresa em que trabalhava, sem vícios, educado, gentil. Já Magda também chegara à conclusão de que não encontraria ninguém melhor do que Otávio. Não podendo fazer nada, confiava que o tempo lhe traria não o homem ideal, mas um homem a quem dedicaria seu amor mesmo sabendo que seria impossível esquecer Otávio, e que teria de se acostumar com isso. Magda ia se desculpando dia após dia pelo sentimento que guardava em seu íntimo e, ao mesmo tempo, mantendo o desejo de ter aquele homem.

O que Magda não imaginava, porém, era que aquele poderia ser o último encontro romântico de Otávio e Berta. Na madrugada de domingo para segunda ela ouviu um barulho no quarto da irmã e, ao chegar, deparou com uma cena que, certamente, nunca mais sairia de sua memória. A irmã estava com a boca um pouco torta, debatia os braços, tinha dificuldade na fala e, quando conseguia, eram frases desconexas.

Magda não perdeu tempo e a levou imediatamente ao hospital em que trabalhava, providenciando sua internação. O atendimento ficaria a cargo do Dr. Amadeu, uma das referências da área neurológica na capital mineira, e a paciente teve toda a atenção da equipe do hospital.

Magda se dedicava integralmente à irmã levando as outras enfermeiras a se preocuparem. Há duas noites não conseguia conciliar o sono. Depois de muita insistência, conseguiram que ela fosse à sua casa, descansasse e voltasse na manhã seguinte.

Ela tentou novo contato com Otávio e conseguiu localizá-lo, tendo a promessa de que ele viajaria no dia seguinte.

Ouvindo sua voz, após o telefonema, Magda entrou em pânico. E, aos prantos, foi se condenando pelo que se passava em seus pensamentos. Queria que a irmã vivesse, mas, ao mesmo tempo, poderia ser a oportunidade de ter aquele homem para si. E se penitenciava por ter certeza de que as pessoas que elogiavam sua dedicação desconheciam o dilema que dividia seus sentimentos.

Na noite seguinte Magda sonhou com Otávio, que se declarava para ela. Amanheceu assustada tendo Otávio ao pé da cama da irmã. Otávio tentava ouvir o que Berta falava, mas não entendia. Otávio e Magda se abraçaram, choraram juntos e ela o colocou a par de tudo que acontecia.

Magda notou que, toda vez que procurava Dr. Amadeu, ele tentava dar-lhe esperança. Mas, por ela conhecer bem o médico, pressentia que também estava preocupado com a dificuldade de Berta em dar sinais de reação. Quando ela, junto com Otávio, foi perguntá-lo mais uma vez, notou que ele se mostrava ainda mais reticente.

Fala-se muito que certas pessoas esperam uma outra pessoa chegar, ou um fato acontecer, para depois se entregar. Otávio retornou à tarde; à noite, queria dormir no hospital, mas Magda preferiu ficar. E, na madrugada, Berta não resistiu mais.

Não havia mais nada a fazer a não ser tomar as providências necessárias nessas ocasiões. Depois de tudo, Otávio disse à Magda que faria uma longa viagem ao norte do País, onde a empresa queria expandir os negócios. E que, após esse tempo, faria a ela uma visita.

No mês seguinte recebeu um telegrama em que ele informava estar em São Paulo e que chegaria a Belo Horizonte dentro de dois dias. Com o tempo, Magda começou a se punir menos. A visita foi marcada para o primeiro domingo depois do término da viagem, na hora do almoço. E, levado pelo costume, pediu-lhe que fizesse um de seus pratos preferidos, à escolha dela.

A moça foi se preparando para aquele encontro. Jogaria todas as fichas naquela tarde. No domingo, logo após ter preparado o almoço, tomou um banho demorado. Depois, fez uma maquiagem que induzia à sedução. No momento de escolher o vestido, pensou, ficou na dúvida e, afinal, se decidiu: usaria o mesmo que Berta naquele domingo. E pôs-se a esperar.

Quando viu da janela da sala o Buick se aproximando, abriu a porta, caminhou apressadamente e, na ponta dos pés, abraçou aquele homem, beijando-o apaixonadamente. Ele correspondeu e ela teve a certeza de que teria seu sonho realizado.

O Buick foi se afastando e os dois caminharam lentamente, abraçados, com brilhos nos olhos, sem censura, como se o tempo tivesse parado no encontro do primeiro domingo e a cena continuasse agora. E como se nada houvesse acontecido nesse período.



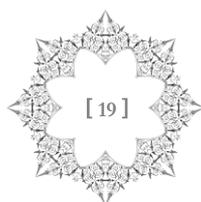
APRESENTAMOS O POEMA

A Fernando Pessoa

Por Girvany de Moraes

Desde a tenra idade, toda manifestação artística se encantava, em especial a Literatura. Gosta de Drummond, Pablo Neruda, Mário Quintana e Bertold Brecht, não querendo ser pretensioso, confessa que foi influenciado por ele; gosta também de Charles Baudelaire, Pedro Terra e, na prosa, admira João Guimarães Rosa, Machado de Assis, Graciliano Ramos, Ernest Hemingway, cujo livro "O velho e o Mar" já o releu quatro vezes; cita também, como seu escritor predileto, Gabriel Garcia Marques, como é maravilhoso Cem Anos de Solidão! É puro êxtase. Diz com ironia que não conseguiu ser nada na vida, inventou de ser poeta, não sabe se é dos bons. Tem dois livros publicados, um de poemas e outro de minicontos.

Sou do rio
mas amo o mar.
O rio vai por ali mesmo,
o mar vai para o mundo.
O rio é raso,
o mar, profundo.
A canoa navega minha aldeia,
o navio, todos os povos.
Do rio vejo terra à vista,
no mar terras a conquistar.
O rio já é meu,
pequeno latifúndio,
o mar, imensidão.



APRESENTAMOS O POEMA

Tentação

Por Ivan Ribeiro Luiz

**Mineiro de João Monlevade; reside em Piúma ES,
é escritor, e tem escritos publicados na Universidade Federal de São
João Del-Rei, (6º concurso de poesias)
O SENAI é o tema, (edição memória 5) e artigos em jornais.**

Lá fora o vento sibilava
fustigando os arvoredos imponderados,
espalhando folhas pelo ar que amontoavam ao longo da estrada vicinal.
A terra carente em júbilo acende esperando em suas entranhas,
pingos ávidos da chuva que começavam a cair afoitamente
saciando sua sede sôfrega.

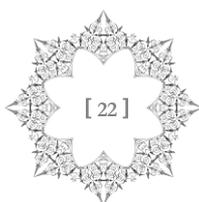
Já fazendo parte de uma usualidade
do meu quarto meu olhar apressado
busca o outro lado da rua uma vidraça,
onde vislumbro através de uma tênue cortina bordô
um vulto indiferente de meus desejos,
desfila em passos leves na passarela dos meus sonhos,
no clarear cúmplice da lua,
e no bruxulear das velas de um candelabro,
envolvidas pela cantilena que enfeitava as noites.

Vejo seus cabelos castanhos ondulados como onda do mar
seu sorriso matreiro a refletir no espelho
mostrando seus dentes perfeitos nos
lábios sedutores pintados de cor rubros,
parecidos com amoras silvestres prontos para degustar.

Seus olhos argutos chamejam,
próprio de uma fera no cio num enlevo incontido.
Sua beleza tocante seduz todos os homens,
sem deixar de enlear até mesmos as mulheres
com o movimento lascivo de sua língua ao falar,
e do seu jeito lúbrico ao caminhar.

Num lapso minha mente envolvida
desvia meu olhar fascínio daquele corpo,
recheado em cada poro a mistura mista da perversidade.
Enquanto meus tabus efêmeros mostram
que por detrás daquele encanto suave,
existe uma mulher voluptuosa e ao mesmo tempo sádica ,
que nos deixa a mercê dos seus domínios e caprichos
na busca incansável do deleite infernal,
ou quem sabe!
escravo eterno de um paraíso desconhecido.

Em um abrir e fechar os olhos,
suspiro para conter o fôlego em meu corpo álgido
e acalmar o coração saltitante,
enquanto que na leveza de suas mãos e unhas francesinhas afiadas
seu braço envolve seus seios e começa requebrar numa dança sensual
desfazendo lentamente peças de roupas molhadas de suor,
que teimam em esconder seu corpo sôfrego
à procura do prazer que adormece com o descortinar
das manhãs.



APRESENTAMOS O CONTO

Canto de avó

Por Memory Lutz

Thereza Cristina é uma mulher de letras e palavras. Aposentada, formada em Biomedicina e História, começou a escrever durante a pandemia para acalantar a alma e o coração, saudosos de tudo e de todos, e para que não se perdessem as lembranças de sua infância as histórias que sua avó lhe contava. Acalenta o sonho de assinar uma página em alguma revista ou periódico em que lhe permita falar do que lhe vai pelo coração e pela mente a outros corações e mentes.

Iracema foi criada no canto da cama de sua avó. Quando sua avó morreu, Iracema acabara de completar seis anos. Sem ninguém mais por ela, a menina foi morar com um tio, que ela mal conhecia, e com sua mulher.

A mudança para a nova casa foi rápida, sem perguntas e sem respostas. Conformada, vestiu seu casaquinho puído, pegou sua boneca, olhou pela última vez para o que havia sido seu porto seguro por tanto tempo e se foi pela mão desconhecida do tio.

Iracema ouvia enquanto aquele homem lhe falava sobre a morte de sua avó. Ela se esforçava para entender o que ele dizia, mas só conseguia pensar no canto da cama de sua avó e a saudade que ela sentia da única mãe que conheceu. Só mais tarde se deu conta de que sua vida não seria mais a mesma e que aquele canto de cama também havia morrido junto com sua avó.

Ao chegar na nova casa nada lhe era familiar, exceto por sua boneca Ana. A tia, magra, com cabelo preso em um coque e uma barriga protuberante, segurava uma menina ainda de colo, que lhe foi apresentada como sua irmã, apesar de prima. Ao indicar o caminho do quarto que agora lhe serviria de morada, a tia acrescentou:

- Amanhã conversaremos, Iracema. Vá se deitar, e ela foi sem que ninguém lhe perguntasse se tinha fome, e ela tinha.

Na manhã seguinte ficou sabendo que ela passaria a ajudar nas tarefas da casa. Lavar, passar, cuidar e brincar com a irmã. Também lhe coube ir à venda buscar verduras, dar comida às galinhas e aos patos à medida que sua tia avançava na gravidez.

A vida de Iracema passou a ser vivida entre a cozinha e o terreiro. À noite, exausta pelas tarefas do dia, deitada em sua cama, ela chorava a falta de sua avó e daquele canto de cama quente, acolhedor e seguro. Não sentia falta das brincadeiras e dos banhos de bica. Sentia falta do abraço amoroso de sua nana.

Consolava-se lembrando das histórias que sua avó lhe contava todas as noites antes de dormirem. Eram, geralmente, histórias de terror cujo desenrolar faziam Iracema abraçar apertado o pescoço de sua avó para afastar o medo. Agora, repassava-as na cabeça até pegar no sono. Não queria esquecer-las. Muitas vezes contava-as para sua boneca e quando ela, a boneca, sentia medo ela, Iracema, a abraçava apertado contra o peito.

Na cozinha Iracema cresceu e adolesceu. Da cozinha viu seus outros irmãos nascerem e crescerem. Nunca frequentou uma escola. O que sabia das letras e dos números aprendeu espiando seus irmãos serem ensinados pela mãe.

Um dia Iracema conheceu Nico, e em outro se casaram. Jovem sério, bem apessoado, mas de poucas palavras, ele se encantou pela morena trigueira de longa cabeleira negra.

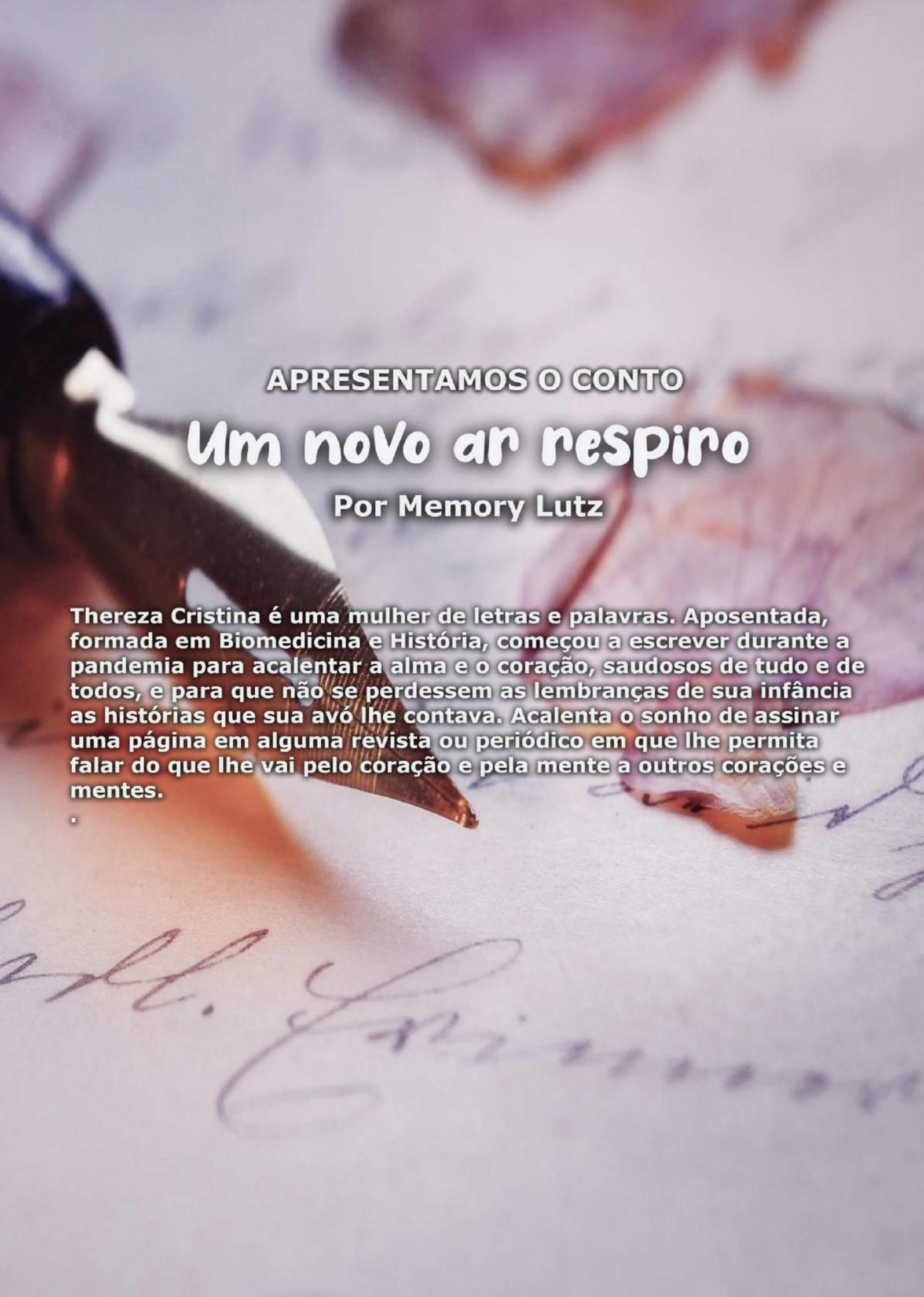
Nico levou Iracema embora da casa do tio e lhe deu uma casa só sua e juntos fizeram dela um lar. Mimou-a com roupas, joias e muita alfazema. Tiveram filhos, juntos os criaram e os viram crescer.

Quando Nico se foi, levado pela doença do pulmão, Iracema vestiu luto e chorou. Chorou como quando entendeu que não mais veria sua avó e não mais se deitaria no conto quente de sua cama. Agora, era sua a cama cujo canto esfriaria. A dor era igual. Diferente era o tempo em que ela doía. Na cozinha da casa de seu tio Iracema aprendeu que não há mal que sempre dure, ou bem que nunca se acabe. Mais uma vez, resignou-se e esperou pela chegada de um novo bem.

Alguns anos depois, deitada na mesma cama que partilhou com seu marido, Iracema encerra sua história. Olha para o canto de sua cama e vê sua neta Ana dormindo tranquilamente, embalada por suas histórias e aquecida pelo imenso amor que as une, o mesmo amor e as mesmas histórias que um dia a embalaram e aqueceram sua avó Ana.

Iracema escorregou para debaixo das cobertas, apagou o abajur, cerrou os olhos e deu graças.



A close-up photograph of a fountain pen nib resting on a piece of paper. The nib is dark and has a fine, textured tip. The paper is light-colored and has some faint, cursive handwriting in blue ink. The background is slightly blurred, showing more of the paper and the pen's body. The overall lighting is soft and warm.

APRESENTAMOS O CONTO

Um novo ar respiro

Por Memory Lutz

Thereza Cristina é uma mulher de letras e palavras. Aposentada, formada em Biomedicina e História, começou a escrever durante a pandemia para acalantar a alma e o coração, saudosos de tudo e de todos, e para que não se perdessem as lembranças de sua infância as histórias que sua avó lhe contava. Acalenta o sonho de assinar uma página em alguma revista ou periódico em que lhe permita falar do que lhe vai pelo coração e pela mente a outros corações e mentes.

Andava chovendo no mesmo lugar há muito tempo. Ela havia ouvido esta frase da boca de algum personagem ao se referir a repetição de fatos e situações ruins que pareciam não ter fim, e achou que ela se encaixava naquele presente.

Já completava um ano desde que o tema morte virou notícia diária. Não passava um dia sem que se ouvisse falar dela, de dor e de saudade. Amigos e amigas, conhecidos e desconhecidos, parentes próximos ou distantes se foram e o mais próximo que ela chegou deles foi pelas estatísticas. Agora, o morto também era proibido. Até ali ela havia driblado a morte e se sentia grata por isso, mas não menos culpada por ainda estar viva.

Aprendeu a lidar com a saudade perene de tudo e de todos. Compadeceu-se daqueles que viveram brevemente, dos que foram deixados para a vida cuidar, dos que ficaram sem rumo. Momentos pesados e de muito pesar. Quando se olhava no espelho pela manhã tentava sorrir para aquela figura de cabelos cada dia mais brancos. Depois de um tempo, desistiu.

Durante a chuva seu contato com o mundo acontecia pela janela de seu apartamento, pelo olho mágico da porta, pela tela da TV e pelo porteiro do seu prédio, que muito raramente tocava o interfone para avisar que havia encomenda do lado de fora da porta. Apesar de destrancadas, as portas mantinham-se cerradas pelo medo.

Com a fala abafada e distante, como se a vontade de falar morresse antes de nascer, o homem queixava-se do marasmo que havia tomado conta do andar térreo sem o barulho usual das brincadeiras e o sorriso das crianças. Coitado, pensava ela, ele também se sentia solitário e cansado daqueles dias marrentos, insípidos, inodoros e incolores que passavam diante de seus olhares.

No começo ela até achou boa aquela chuva. Ela, a chuva, a fez olhar para sua estante e para a fila de livros que a aguardavam há algum tempo, silentes. Que momento melhor para mergulhar em aventuras e emoções?

Olhou também para os armários, primeiro os do quarto, depois todos os outros. Separou o que não tinha mais significado. O que tinha, organizou tendo como critério a

emoção e as lembranças que lhe traziam. Percebeu que naquele momento ela só possuía as lembranças e as emoções que elas suscitavam.

Por um tempo sentiu-se confortável em meio àquela chuva. Depois, viu que a espera pela estiagem se alongava demais e temeu. Temeu que as lembranças se fossem também, assim como se foram tantos conhecidos e parentes.

Concentrada em seu medo não percebeu que a chuva parecia tornar-se chuviscos, que o ar se enchia de risos e gritos infantis e que os corredores, as escadas e os elevadores do prédio retomavam suas atividades lentamente, mas consistentemente.

Correu para a janela, a abriu de par a par e respirou fundo. Percebeu que o ar cheirava a vida e não mais a morte. No lugar dos sinos das igrejas e das sirenes das ambulâncias ouviu o chamado do Bem te Vi. O calor do sol atingiu em cheio seu rosto e seus olhos. Mesmo escondido, ela sabia que ele estava lá, por detrás das nuvens, e que apareceria a qualquer momento. Era uma questão de tempo e de fé. A despeito de ainda haver o medo da chuva voltar a cair, seu passarinho cantou dentro do peito, de alegria e esperança.

No impulso calçou um tênis, pegou um casaco, prendeu o cabelo em um rabo de cavalo, olhou pelo olho mágico para se assegurar de que estava tudo em ordem do lado de fora, saiu para o corredor e bateu a porta atrás de si. Entre o elevador e as escadas, optou pelas escadas. Precisava acalmar a ansiedade que dominava suas emoções. Era a primeira vez, depois do longo inverno que ela veria a rua, e as pessoas, fora do quadrado das janelas de seu apartamento e da tela da TV.

Abriu a porta que dava para o piso térreo e percebeu, pelo olhar do porteiro, o largo sorriso que ele lhe dirigiu. Cumprimentaram-se com um abanar de mão. Sentiu a sensação de que havia algo diferente, apesar de nada ter mudado fisicamente. Algo de novo envolvia o que um dia foi velho e conhecido. Ouvia alguém falar de um novo normal e se perguntou como seria isso.

Independente do que de novo viesse a acontecer, ela colocou os fones de ouvido, os óculos escuros, ajustou o relógio, respirou fundo mais uma vez e deu os primeiros passos em direção ao que viria a ser o primeiro dia do resto de sua vida em um novo normal.



APRESENTAMOS O CONTO

O apagar de uma estrela

Por Roberto Schima

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hirosaki", "Os Fantasmas de Vênus", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. Informações: Google. Instagram: @robertoschima. Contato: rschima@bol.com.br.

Era final de tarde...

De coração apertado, olhei para o céu. Eu sabia que, breve, o pontinho de luz apareceria. Era mais fruto de longas e repetidas observações do que um ato de premonição. A premonição nunca estivera em mim, mas lá no alto, em meio ao vazio ilimitado do espaço, nele, no pontinho de luz.

Em meio a tantos jornalistas, celebridades e seguranças armados, a entrada de um zé ninguém como eu ao cemitério só fora admitida porque, apesar dos anos sem vê-lo, o pai de Talissa me reconhecera.

— Ele pode — dissera o velho, quase sem voz.

Seu abraço doloroso fora o único sinal de sinceridade que observara ao redor. E o que as palavras não tiveram forças para exprimir, minhas lágrimas gritaram a toda voz a dor, o vazio e a saudade que, havia anos, consumiam minha alma.

A mãe da atriz se descabelava ao mesmo tempo em que se preocupava em não borrar a maquiagem. Não transmiti meu pesar a ela. Que lhe fosse reservado o monopólio da hipocrisia. Tudo o que pude fazer foi me perguntar o quanto daquela atuação era verdadeira e não um papel dramático. Sua dor seria de fato pela perda de Talissa ou pela fortuna e badalações que não mais veria brotar do trabalho da filha?

A *causa mortis* fora o consumo exagerado de álcool e drogas.

A Talissa que eu conhecera engasgava-se com o gás dos refrigerantes, preferindo um suco.

Todos afirmavam lamentar a prematura morte de Talassa de Ville, a grande atriz e estrela de cinema. Repórteres ávidos fotografavam e filmavam cada detalhe. Cada celebridade desejava aparecer e dar seu depoimento. Mencionaram o talento da falecida nos mais diferentes papéis que interpretara, sua versatilidade, a vida que dera às personagens de um modo que havia muito não se via. Desde as primeiras aparições como coadjuvante, realçavam o nascimento de uma estrela, cujo brilho ofuscava àqueles a sua volta.

Achei todo o falatório insuportável.

Depois, as pessoas começaram a jogar flores sobre o caixão numa predominância de vermelho.

Ninguém entendeu quando eu, em vez de rosas, aproximei-me e atirei uma amarelada estrela de papel.

Falei baixinho:

— Adeus, Estrelinha.

Alguém indagou:

— Quem é esse?

Torceram os lábios e deram de ombros.

Em seguida, saí daquela área polvilhada de ternos de grife, estolas de pele, luvas, joias, perfumes franceses e nomes falsos, pois falso era aquele universo cinematográfico de falsas constelações. Tudo era falso, até o nome que colocaram na lápide: Talassa de Ville, pois minha amiga chamava-se Talissa Vila. De verdadeiro, o seu trágico fim e o apagar do brilho daquela a quem, em criança, eu apelidara de Estrelinha.

— Estrelinha!

E corríamos pelos gramados, brincando de pega-pega ou de virar cambota.

Ela sempre fora uma menina vivaz, elétrica e sonhadora. Gostava de inventar histórias, fingir que era outra pessoa. Hábil em origami, fazia aviões, estrelas, balões e barcos de papel. Através deles, falava sobre viagens tanto nas alturas do céu quanto nas distâncias em meio ao oceano, onde as estrelas, em ambos os casos, surgiriam mais nítidas e numerosas do que em qualquer outro lugar. Com ela, aprendera a ficar de

manhazinha observando Vênus — que na época achávamos ser uma estrela — até ele desaparecer, e no final de tarde, quando era a primeira "estrela" a surgir. Por isso a chamara de Estrelinha. Talissa gostara. Em agradecimento, fizera uma caprichada dobradura de uma estrela e me dera de presente. Ela procurara me ensinar a criar as diferentes formas no papel, porém, só aprendera a fazer aviões, pois gostava de soltá-los.

Os anos da infância passaram tão rápidos quanto o vento cuidava de esparramar as sementes de dente-de-leão.

Então, a mãe de Talissa, cujo sonho de ser cantora se frustrara menos pela falta de esforço do que de talento, vira na filha a oportunidade de concretizar seu sonho. Observando o quanto a filha gostava de criar enredos fantasiosos e assumir suas personagens, estimulara-a a seguir a carreira de atriz. Contrariara a vontade do marido, o qual desejava que a jovem escolhesse a própria profissão quando tivesse idade o suficiente. A megera fizera Talissa frequentar aulas de teatro e de dança, comprara-lhe vestidos caros, e, apesar de adolescente, maquiava-a e vestia-a como se fosse uma mulher adulta e, aos olhos mais conservadores, provocante.

A mãe que tolerara a minha presença quando criança, passara a não ocultar sua hostilidade quando eu e Talissa atingimos a adolescência. Pouco a pouco, afastara-nos. Para mim fora bastante doloroso. Quanto a Talissa, não sei se ela própria saberia dizer, tão ocupada ficara em decorar falas, aprender coreografias, satisfazer os caprichos daquela.

Então, chegara o dia de sua oportunidade.

Um jornal anunciara que um certo diretor procurava por candidatas a um papel minúsculo em uma comédia. Pelo que soubera, a mãe prontamente a inscrevera sem ao menos consultá-la e, muito menos, ao marido.

Era a tarde de um frio final de julho.

Talissa completara dezoito anos, mas ainda preservava traços de inocência.

Por uma dessas artimanhas que somente o destino poderia arquitetar, vira rapidamente Talissa longe do olhar rapino de sua mãe, tanto antes quanto depois do teste para atriz. Ah, somente eu sabia o quanto a amava, mas nunca encontrara palavras para me declarar. Ela, vez ou outra, chamava-me de "irmãozinho" quando éramos criança e eu sempre acreditara que era assim que me via.

Fitara seus olhos brilhantes e arregalados, as mãos trêmulas de ansiedade.

— Tudo bem, Estrelinha? — perguntara.

— Tudo bem — respondera num reflexo.

— Boa sorte no teste.

Limitara-se a acenar a cabeça.

Talissa não conseguia nem pensar direito. Devia ter muita coisa na cabeça dela. Era difícil saber se se sentia feliz por estar prestes a realizar seu sonho ou se estava nervosa em se sair bem e, assim, agradar a mãe naquilo que esta sonhara e fracassara.

Para mim, ela sempre fora uma estrela de brilho próprio: suas histórias e brincadeiras, seu sorriso vibrante, o modo como corria e subia em árvores, o que imaginava ver nos contornos das nuvens, seu admirar pela atividade das formigas.

Abraçara-me e sorria daquele seu jeito maravilhoso de ser.

— Obrigada!

Regressara no princípio da noite do teste com o diretor. Vênus ia alto no céu. A mãe estava eufórica: Talissa fora aprovada. Correria na frente para contar a grande novidade ao marido. Talissa ficara parada diante do portão, fitando sua casa sem parecer vê-la. Algo estava diferente.

Aproveitara a oportunidade e me aproximara dela.

— Talissa! Talissa! Como é que foi?

Ela virara-se para mim como se eu fosse um estranho, o que me assustara. Então, seu corpo relaxara. Dissera sem cor na voz:

— Fui aprovada.

— Está feliz agora?

Ela não soubera o que responder. Quanto a mim, julgara ver seus olhos marejarem. Sem uma palavra, Talissa correrá para dentro de sua casa.

Assim, eu ficara lá a mirar a porta que batia, sem nada compreender.

Eu era jovem demais na época, ingênuo em minha própria idade. Não fazia ideia do que de fato implicava o teste de uma aspirante com um diretor, o que seria obrigada a fazer caso quisesse a sua aprovação.

Nunca mais a veria pessoalmente.

Sim, algo em Talissa mudara para sempre.

Embora fosse o início de sua carreira fulminante para o estrelato, o brilho em seus olhos desaparecera; as mãos, antes agitadas, estavam como que congeladas. Também sumira a espontaneidade e inocência de seu sorriso. Daí para frente — e a cada diretor cujo teste se submetia — gradualmente, suas expressões, gestos e poses viriam a ser substituídos por máscaras mais elaboradas a fim de atender aos holofotes dos cenários e os *flashes* das câmeras fotográficas.

Ela se tornara uma estrela: rica, famosa, bela, cortejada.

Ela se tornara Talassa de Ville.

Dera vida a inúmeras vidas.

No final, perdera a sua.

Agora, ali, deixando para trás a turba que brilhava por fora, mas era obscura por dentro, caminhei até o alto da colina do cemitério. Lá, observei as centenas de lápides que perfilavam de alto a baixo por entre as árvores e os gramados. Pensei comigo:

— Talissa, para mim, desde criança, você sempre foi uma estrela, como Vênus que ora vejo no céu.

Olhei para o planeta cintilante com a visão da criança dentro de mim. Senti-me tão pequeno, solitário e inseguro quanto naquela época. Cogitei se, em algum lugar nas alturas, Talissa estaria me vendo, finalmente em paz, livre da ribalta e da tirania de sua mãe.

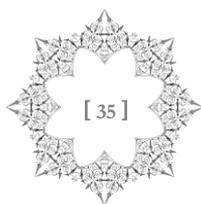
Talvez a falsidade de Vênus em ser um sol, não obstante sua beleza distante, já fosse um triste presságio do que estaria por vir.

Disseram lá atrás que morria uma estrela.

Eu diria que não.

Não, não foi agora.

Talissa Vila, minha estrela vespertina, apagara havia muito tempo. Fora numa tarde fria de julho no instante exato em que o vento soprara e Talassa de Ville principiara a cintilar.



APRESENTAMOS O CONTO

Girassóis

Por Sandra O'Neill

Sandra O'Neill, nasceu no Paraná e cresceu em São Paulo. Advogada, educadora, escritora desde os 13. É apaixonada pelos textos de Cinthia Freire, Ana Beatriz Brandão, John Grisham, Stephen King e J.K. Rowling. Costuma ler romances clichês, suspenses e fantasia. Nas horas vagas, escreve, lê ou ouve músicas. Seus textos podem ser encontrados nas Antologias Paixão de Adolescentes, Amaldiçoados Pelo Poder, Só Queria Te Dizer e em suas redes sociais. Possui dois ebooks independentes na Amazon: Justiça Final e A Herança dos Dragões. Mora em Campinas com a filha Sofia e o gato Van Gogh.

Minhas flores favoritas sempre foram os girassóis, pois eu via naquelas flores lindas e amarelas, voltadas para o sol, como símbolo de energia, vida, felicidade. Poucas pessoas sabiam disso, mas ele de alguma forma, sabia. Talvez tenha sido em alguma conversa no escritório, que, às vezes se estendia aos bares; ou em uma página amarela do meu diário nada secreto que ficava na minha mesa de trabalho.

Eu não o conhecia. Nunca o tinha visto, até aquele dia no parque.

Ele parecia tão gentil, tão doce, tão encantador e galanteador... Moreno, alto, cabelo cheio e revoltado pelo vento... um sorriso de derreter até o mais gélido coração, como o meu. E o fato de estar solteira há 5 anos e um homem como aquele estar dedicando alguns instantes de sua vida à mim, me deixou mais do que lisonjeada.

Ele não me falou muito sobre si, apenas que gostava de caminhar e por isso vinha todos os domingos no mesmo horário até aquele parque. Eu não estava no lugar errado ou na hora errada, eu simplesmente estava lá. Não me ofereceu carona ou qualquer outra coisa apenas me deixou apreciar seu olhar.

No outro dia, era manhã de segunda-feira e como sempre fazia, fui ao escritório por minhas qualificações à prova. Já passava das 10h quando um mensageiro chegou trazendo um lindo buquê de girassóis. Fiquei impressionada e pensando quem seria a sortuda que receberia tão doce homenagem e faria sua semana ser mais iluminada. Tal qual foi minha surpresa ao ver que ele parou em frente à minha mesa!!

“Senhorita Vanessa?” – mencionou. O que eu poderia responder? “Sim, sou eu!”.

“Essas flores são para você! Por favor, assine aqui.” – eu assinei e ele agradeceu. E no instante seguinte saiu pela porta me deixando extasiada, com um sorriso de orelha a orelha e muito, muito mais iluminada.

Os dias se passaram e eu ainda não sabia quem mandara as flores, só sabia que era alguém que me conhecia a ponto de saber que aquelas eram as minhas flores favoritas.

No domingo seguinte ele estava lá outra vez. Caminhando tranquilamente pelo parque e quando me viu, seu olhar se iluminou, parecia cena de filme romântico, daqueles que eu amava assistir aos sábados à noite com minhas melhores amigas.

E quando veio falar comigo foi para dizer que eu estava linda e me convidar para sair. Claro que aceitei!!! Era o homem dos sonhos de qualquer garota!! Por que essa garota não poderia ser eu?

Jantamos juntos e quando ele me deixou em casa naquela noite, não tentou me beijar, o que achei estranho, mas “fofinho”, ele era à moda antiga, como minha mãe costumava dizer, então era um cara sério. Talvez fosse “o cara”, afinal.

Nosso namoro começou algumas semanas depois quando ele me deu o anel mais lindo que alguém poderia dar! Ele era perfeito. Nosso namoro era perfeito. Nossa vida era perfeita. Eu estava apaixonada e ele mais ainda. Todos os dias me deixava recadinhas românticas com a mesma frase: “seu para sempre” e a cada dia eu caía mais e mais de amores por ele.

Mas um dia tudo mudou. Ele se tornou possessivo e já não suportava mais meus amigos ou meu trabalho. Me queria só pra ele e não admitia que eu falasse com ninguém. No começo achei que era proteção ou amor demais que sentia por mim e embora todos me avisassem que ele poderia se tornar violento e me machucar, e isso não era uma metáfora, eu não dei ouvidos. Estava perdidamente apaixonada por aquele homem perfeito que conheci num parque e que sabia dos meus gostos peculiares por girassóis, sorvete de pistache e filmes românticos.

Eu sofria em silêncio e escondia de todos o que realmente acontecia quando estávamos entre quatro paredes. As “quedas da escada” e as “topadas na parede” estavam se tornando mais frequentes à cada dia e eu não conseguia me libertar. A cada dia afundava mais e mais naquele oceano escuro de dor e sofrimento. Amigos eu já não os tinha e no escritório as pessoas mal falavam comigo. Era como se o que eu passava fosse contagioso. Eu era refém do meu próprio silêncio.

Eu poderia ter contado tudo para uma amiga, ainda tinha umas poucas e fiéis, ou para meus pais e irmãos, mas eu preferi me calar. Ele dizia sempre que eu era a mulher mais linda do mundo e especial para ele, que se eu fosse embora ou contasse algo sobre nosso relacionamento perfeito para alguém, pessoas iriam se machucar e a culpa seria minha. Eu tinha medo. Não aguentaria ver alguém machucado por minha causa.

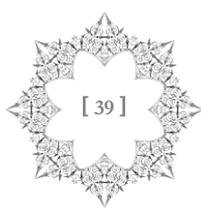
E assim eu vivi por 3 longos e desesperadores anos. Até que um dia, li em alguma rede social que denúncias de maus tratos poderiam ser anônimas, e que pessoas como ele eram nocivas para a sociedade e por isso deveriam ser tratadas, pois estavam tão envenenadas que causavam mal a si próprias e a todos em volta. Mas ainda me faltava coragem.

Naquela tarde ao chegar do trabalho, eu encontrei meu vaso de girassóis totalmente destruído aos pés da minha porta. Ele estivera ali e fizera aquilo. Tinha certeza. Pois me recusei a almoçar com ele. Ver minhas joias mais preciosas ali, dilaceradas e morrendo, pensei que poderia ser eu, naquele chão. E as mesmas flores que me fizeram me encantar por ele, me deram coragem para fazer o que veio em seguida.

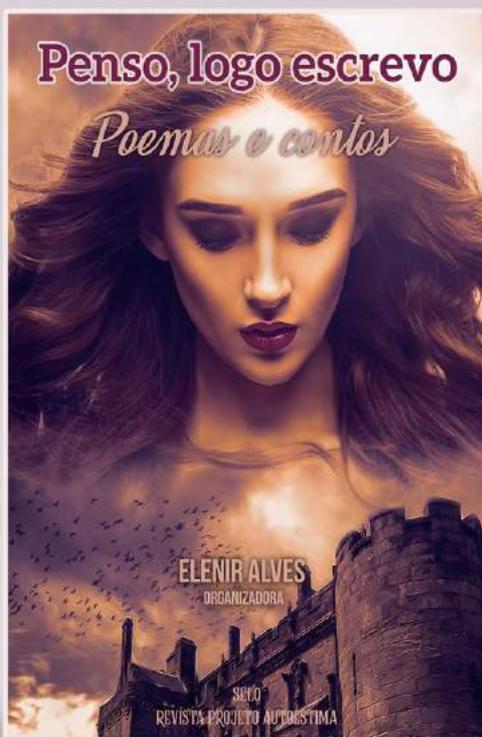
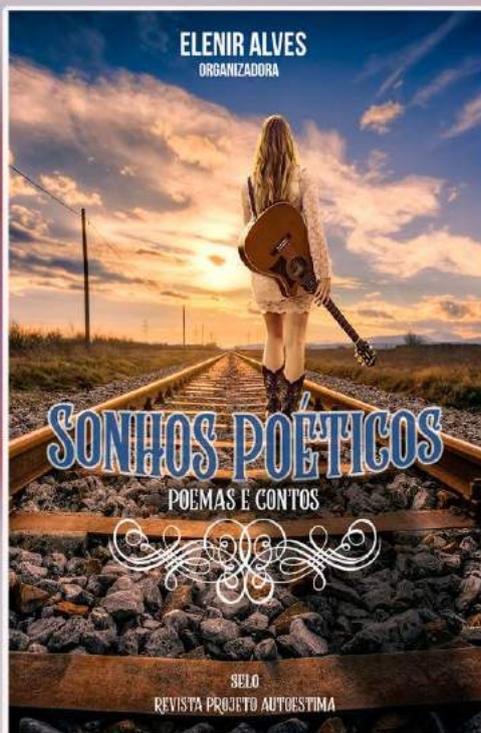
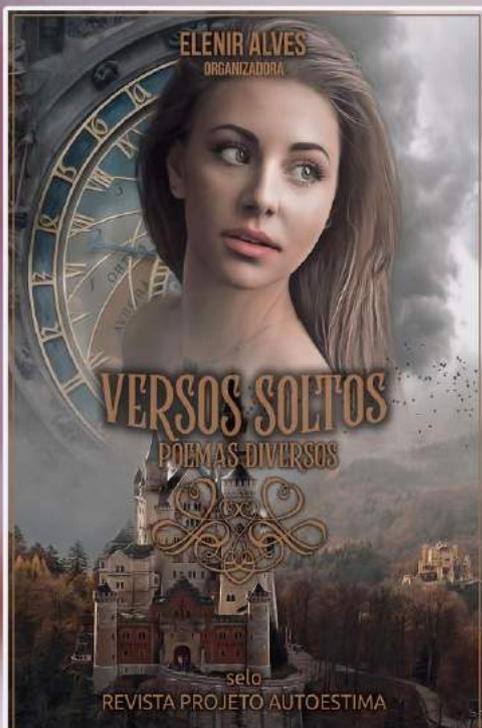
Eu liguei. E falei, falei, falei. Não sei por quanto tempo e nem como, mas ver um pedaço da minha essência destruída na minha frente me deu forças para tomar as rédeas da minha vida e me libertar de toda aquela dor.

Ele foi preso no mesmo dia. Eles o encontraram em sua casa. Tranquilo. Tomando um chocolate quente em uma fria noite de inverno.

Enfim eu estava livre! Mas minha vida nunca mais voltou a ser o que era antes. Eu era outra pessoa agora. Mais forte, mais decidida, mais consciente. Mas ainda gosto de sorvete de pistache, de filmes românticos... e girassóis.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

**VISITE: WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/PROJETOAUTOESTIMA
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTAPROJETOAUTOESTIMA
E-MAIL: ELENIR@CRANIK.COM**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI